

OFICINA DE CORDEL COMO ESPAÇO POÉTICO ENALTECEDOR DA TRAJETÓRIA DE HEROÍNAS NEGRAS BRASILEIRAS

Aline Souza dos Santos (FFP-UERJ)

alinesouza089901@gmail.com

Maria Isaura Rodrigues Pinto (FFP-UERJ)

m.isaura27@gmail.com

RESUMO

Este artigo propõe-se a apresentar uma reflexão sobre a realização de uma oficina de literatura de cordel, desenvolvida a partir da obra “Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis”, de Jarid Arraes (2017). A atividade teve como principal objetivo promover o reconhecimento das contribuições históricas de mulheres negras no Brasil, invisibilizadas pelas narrativas canônicas. Por meio do cordel, gênero literário de forte tradição oral e popular, a oficina propôs momentos de leitura, escuta atenta, diálogo e criação coletiva, permitindo que os participantes refletissem criticamente sobre apagamentos históricos, racismo estrutural e estereótipos que ainda persistem na sociedade. A proposta incentivou a construção de novas produções, inspiradas nas heroínas retratadas por Arraes, como forma de fortalecimento da identidade cultural afro-brasileira. No que diz respeito à fundamentação teórica, utilizaram-se pressupostos de Gonçalo Ferreira da Silva, extraídos do seu livro *Vertentes e evolução da literatura de cordel* (2005), os quais dizem respeito à historicidade do folheto, em confluência com conhecimentos de Rildo Cosson (2009), apresentados na sua obra *Letramento literário: teoria e prática*. A experiência teve como resultado a análise de folhetos sobre heroínas negras por parte dos alunos e evidenciou o caráter transformador da literatura de cordel enquanto prática de letramento crítico, sobretudo no que se refere à valorização das histórias de vida de mulheres negras que foram silenciadas pela historiografia tradicional.

Palavras-chave:

Cordel. Literatura. Resistência.

RESUMEN

Este artículo presenta una reflexión sobre la implementación de un taller de literatura de cordel, desarrollado a partir de la obra “Heroínas Negras Brasileñas en 15 Poemas de Cordel”, de Jarid Arraes (2017). El objetivo principal de la actividad fue promover el reconocimiento de las contribuciones históricas de las mujeres negras en Brasil, hechas invisibles por las narrativas canónicas. A través del cordel, género literario con una fuerte tradición oral y popular, el taller propuso momentos de lectura, escucha atenta, diálogo y creación colectiva, permitiendo a las participantes reflexionar críticamente sobre las borraduras históricas, el racismo estructural y los estereotipos que aún persisten en la sociedad. La propuesta fomentó la creación de nuevas obras, inspiradas en las heroínas retratadas por Arraes, como una forma de fortalecer la identidad cultural afrobrasileña. En cuanto al marco teórico, se utilizaron los supuestos de Gonçalo Ferreira da Silva, extraídos de su libro *Vertentes e evolução da literatura de cordel* (2005), que se refieren a la historicidad del panfleto, en conjunción con el conocimiento de Rildo Cosson (2009), presentado en su obra *Letramento literário: teoria e prática*. La experiencia resultó en el análisis de panfletos sobre heroínas negras por parte de los estudiantes y destacó el carácter transformador de la literatura de cordel como práctica de

alfabetización crítica, especialmente en lo que respecta a la valorización de las historias de vida de mujeres negras que han sido silenciadas por la historiografía tradicional.

**Palabras clave:
Cordel. Literatura. Resistencia.**

1. Introdução

A formação das narrativas históricas no Brasil é marcada por significativos silenciamentos. As obras artísticas consolidadas pelo cânone privilegiavam determinados grupos sociais, preterindo outros. Tal apagamento contribui para o entendimento de um passado da história nacional que ignora o protagonismo negro-feminino e suas trajetórias caracterizadas pelo epistemi-cídio. Diante disso, a supracitada oficina de literatura de cordel apresenta-se como contranarrativa, a fim de enaltecer mulheres negras brasileiras invisibilizadas pela historiografia oficial.

O apagamento sistemático das vozes criativas femininas é realizado por meio de estruturas sociais que lhes negam a condição de produtoras de cultura. No contexto da literatura de cordel, no Nordeste brasileiro do século XX, essa dinâmica de invalidação histórica operava com particular rigor, tendo em vista que o universo dos folhetos e da cantoria era um domínio sociocultural rigidamente masculino e o papel da mulher estava confinado à esfera doméstica, sendo a figura feminina relegada ao “silêncio e à reclusão” (Queiroz, 2006, p. 48).

Um exemplo de silenciamento na literatura é a entrada indireta de Maria das Neves Batista Pimentel no campo cordelístico, que para publicar folhetos de cordel utilizava o pseudônimo masculino emprestado de seu marido “Altino Alagoano”. Dessa forma, entende-se que a exclusão da voz feminina da literatura não se encerra na barreira inicial da publicação, mas constrói um desafio mais complexo: o de existir como mulher em uma sociedade que só reconhece a autoridade criativa dos homens.

Isso posto e em virtude do valor artístico do gênero, escolheu-se o cordel para constituir o *corpus* da presente proposta de trabalho, pois este pode funcionar como uma potente ferramenta pedagógica para resgatar vozes marginalizadas, que os documentos oficiais insistem em silenciar. Trata-se de um gênero textual com métricas particulares e gramática própria, cuja estrutura requer do autor domínio técnico, apresentando-se como um veículo transformador de letramento literário e crítico. É neste cenário que se elege como objeto de estudo a obra “Heroínas negras brasileiras em quinze cordéis”, de Jarid Arraes (2017). A autora resgata vozes de mulheres silenciadas e, ao mesmo tempo, afirma o cordel como espaço poético fundamental en-

quanto guardião da memória. Tendo isso em mira, este trabalho propõe-se a apresentar os processos e os resultados de uma oficina de cordel desenvolvida a partir da obra de Arraes.

Sabemos que a elaboração de atividades instigantes com o cordel, envolvendo leitura e escrita, ainda constitui um desafio para o professor, uma vez que é necessário oferecer materiais que despertem a atenção dos discentes e estimulem seu processo criativo. Nesse sentido, visando incentivar a leitura crítica de cordéis e o desenvolvimento da escrita, planejamos a referida oficina. Tal proposta é uma das atividades realizadas no âmbito do projeto “Leitura na Cordelteca da FFP”, que integra as ações extensionistas da Universidade Estadual do Rio de Janeiro, do campus Faculdade de Formação de Professores (FFP-UERJ), implementadas em escolas parceiras. Durante a oficina, desenvolvida em uma turma de 7º ano, de uma escola da rede pública da Educação Básica, em São Gonçalo, no estado do Rio de Janeiro, o trabalho com os cordéis focalizou, a par dos conteúdos temáticos direcionados para exaltação das heroínas negras e suas ações dignas de louvor, a estrutura desse tipo de poema, em que versos, estrofes, rimas e métricas, são elementos constitutivos recorrentes.

A atividade teve como objetivo central promover o reconhecimento do protagonismo negro-feminino na construção das narrativas nacionais. Por meio da leitura, produção coletiva e individual, a oficina buscou criar um ambiente propício para a reflexão crítica sobre o memoricídio e estereótipos de gênero e raça que ainda permanecem na sociedade contemporânea. Embasada teoricamente nos pressupostos de Gonçalo Ferreira da Silva (2005) sobre a historicidade e a função social do folheto de cordel, e nas contribuições de Rildo Cosson (2009) acerca do letramento literário, a experiência didática foi concebida para explorar o gênero cordel como instrumento didático de valorização da identidade. A proposta incentivou a produção de textos poéticos inspirados nos poemas de Arraes sobre mulheres negras, como forma de promoção da cultura afro-brasileira.

Assim, a oficina possibilitou vários ganhos, dentre eles: reafirmou o papel da arte na promoção da justiça social, contribuiu para o desenvolvimento do pensamento crítico e auxiliou na reflexão sobre a necessidade de se repensar o cânone literário. Entretanto, apesar da existência de vários trabalhos dessa natureza, ainda há muito a fazer no que se refere à efetiva integração na escola de práticas pedagógicas voltadas para o reconhecimento e valorização da memória afro-brasileira.

Outro problema, que precisa ser destacado, consiste no espaço restrito concedido ao cordel, especialmente àqueles que resgatam aspectos de culturas historicamente marginalizadas e que, em vista disso, podem integrar es-

estratégias de letramento crítico. Tal restrição resulta em uma limitação do saber, já que restringe a reflexão sobre questões relacionadas ao racismo estrutural, aos apagamentos históricos e aos processos de construção de identidades culturais. Diante desse quadro, este trabalho busca contemplar as seguintes indagações: 1. De que forma a literatura de cordel pode contribuir para o letramento literário e crítico dos estudantes? 2. Como a obra de Jarid Arraes pode ser utilizada em sala de aula para dar visibilidade às histórias de mulheres negras?

Assim, a pesquisa ressalta a potencialidade da literatura de cordel como prática educativa transformadora, propondo reflexões que unem literatura e crítica social. Para este exercício, na primeira parte, abordamos o referencial teórico-metodológico que fundamenta o projeto didático. Na segunda parte, apresentamos as etapas da oficina realizada, as quais seguem o modelo de Sequência Básica, proposta por Cosson. O intuito é apresentar formas de utilizar o cordel em ações de letramento literário e crítico. Para finalizar, temos as considerações finais.

2. Referencial teórico-metodológico

Rildo Cosson na obra *Letramento Literário: teoria e prática* (2009) argumenta que é papel fundamental da escola fomentar metodologias de ensino que impulsionem a formação de leitores e que sejam capazes de estabelecer uma relação tanto de prazer quanto de criticidade com a leitura dos textos. Para tanto, torna-se necessário superar modelos de ensino da literatura tradicionais que, ao priorizarem uma abordagem historicista e a memorização de correntes literárias, deixam em segundo plano a experiência estética e a análise das obras.

A proposta de letramento literário concebida por Cosson tem como elemento central a análise do texto literário, compreendendo a leitura como um processo ativo de construção de significados. Sob essa ótica, evidencia-se a importância de familiarizar progressivamente o estudante com o universo do livro, ampliando seu contato com diferentes repertórios culturais que transcendem os limites do ambiente escolar.

Diante disso, o fato de a literatura ser tratada como um “apêndice da Língua Portuguesa”, como destaca Cosson (2009), contribui, ainda mais, para que gêneros como o cordel não sejam valorizados como deveriam no contexto das aulas, sendo, conseqüentemente, preterido em relação aos demais gêneros textuais devido ao seu caráter popular e sua linguagem informal. Como já mencionado, para este trabalho, o procedimento metodológico eleito é o modelo de Sequência Básica, idealizada por Cosson (2009) cuja

proposta é dividida em quatro etapas que podem ajudar no processo do Letramento Literário, a saber, motivação, introdução, leitura e interpretação. Sobre o objetivo fundamental do projeto didático, o autor destaca:

[...] devemos compreender que o letramento literário é uma prática social e, como tal, responsabilidade da escola. A questão a ser enfrentada não é se a escola deve ou não escolarizar a literatura, como bem nos alerta Magda Soares, mas sim como fazer essa escolarização sem descaracterizá-la, sem transformá-la em um simulacro de si mesma que mais nega do que confirma seu poder de humanização. (Cosson, 2009, p. 23)

A respeito da motivação, é preciso que, antes de iniciar a leitura, os alunos sejam incentivados a realizar essa atividade. Conforme o autor propõe:

A leitura demanda uma preparação, uma antecipação, cujos mecanismos passam despercebidos porque nos parecem muito naturais. Na escola, essa preparação requer que o professor a conduza de maneira a favorecer o processo de leitura como um todo. Ao denominar motivação a esse primeiro passo da sequência básica do letramento literário, indicamos que seu núcleo consiste exatamente em preparar o aluno para entrar no texto. O sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de boa motivação. (Cosson, 2009, p. 54)

Neste primeiro momento, os debates mantêm uma relação com a leitura, que será iniciada, promovendo a explicitação e contextualização das temáticas centrais da obra a ser apresentada. Trata-se de uma etapa introdutória breve, cuja duração não deve exceder o período de uma aula, uma vez que sua finalidade primordial consiste em motivar os alunos a empregarem criatividade no desenvolvimento de atividades que integrem práticas de leitura e produção textual.

Seguidamente, na etapa da introdução, o mediador apresenta o autor e a obra. Entretanto, Cosson (2009) recomenda que não seja extensa a apresentação da biografia do autor. É importante que, nesta fase do letramento, o leitor dialogue com a obra apresentada, o que possibilita a produção de sentidos, e que a leitura não se limite à busca das intenções do autor.

A terceira etapa consiste na efetivação da leitura, em que o professor acompanha os alunos em suas facilidades e dificuldades, sem interferir, ou seja, não cabe ao professor verificar se o aluno está lendo ou não, sua função é de acompanhamento. É nesta fase que os alunos podem compartilhar suas experiências de leitura, bem como seus enfrentamentos, como vontade de abandonar a obra ou não adequação ao ritmo de leitura, apenas para dar alguns exemplos. Cosson escreve:

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, e esse objetivo não deve ser perdido de vista. Não se pode confundir, contudo, acompanhamento com policiamento. O professor não deve vigiar o aluno para saber se ele está lendo o livro, mas sim acompanhar o

processo de leitura para auxiliá-lo em suas dificuldades, inclusive aquelas relativas ao ritmo da leitura. (Cosson, 2009 p. 62)

A interpretação é a última etapa da Sequência Básica e também a mais desafiadora. Dessa forma, frente à complexidade do seu objetivo, o autor sugere que seja feita em dois momentos: interior e exterior. A etapa interior consiste na experiência individual dos alunos. É, portanto, o momento de decifração das palavras, páginas e capítulos, o que corrobora a compreensão do conjunto da obra, ao chegar ao fim; a partir de suas leituras de mundo. Como bem destaca Paulo Freire (1988), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, assim ocorre com o leitor nesse processo aparentemente solitário. O momento exterior, como o nome sugere, permite que os alunos leitores exteriorizem as experiências adquiridas no momento interior. Suas impressões, reflexões, bem como trechos que mais os marcaram podem ser discutidos no coletivo da escola. Cosson destaca:

Na escola, entretanto, é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma sociedade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (Cosson,, 2009 p. 66)

O referencial teórico que fundamenta a investigação da historicidade do gênero cordel apoia-se nas contribuições de Gonçalo Ferreira da Silva para a compreensão da literatura de cordel como fenômeno artístico, histórico e cultural de profunda ressonância social. A sua obra permite traçar uma linhagem do cordel que ultrapassa os limites do gênero popular, situando-a num contexto histórico amplo e complexo. Segundo Silva (2005, p. 13), “não é difícil perceber sinais claros da literatura de cordel nos Salmos de Davi, nos cantares de Salomão, na Divina Comédia de Dante e no Paraíso Perdido de Milton”, posicionando, assim, as origens do cordel em uma tradição literária ancestral.

Esta perspectiva amplia significativamente o entendimento convencional do cordel, apresentando-o como herdeiro de uma longa linhagem de narrativas poéticas universais. O autor defende que “a literatura de cordel está na arte dos poetas, nas mensagens dos profetas e na reflexão dos pensadores”, o que a consolida como uma “forte e marcante manifestação do pensamento” (Silva, 2005, p. 13).

O autor destaca que “à época dos povos conquistadores greco-romanos, fenícios, cartagineses, saxões a literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Neste contexto, o gênero adquiriu designações específicas: “Na Península, a literatura de cordel recebeu os nomes *pliegos sueltos* (Espanha) e *folhas soltas ou volantes* (Portugal)” (Silva, 2005, p. 11).

Esta distinção terminológica é importante para compreender a sua disseminação e adaptação cultural em várias regiões. Além disso, a transposição para o Brasil é outro momento fundamental analisado pelo autor. De acordo com ele, a literatura de cordel chegou com os colonizadores, “instalando-se na Bahia e mais precisamente em Salvador. Dali se irradiou para os demais estados do nordeste”. (Silva, 2005, p. 18).

Essa fixação regional é explicada pelo fato de Salvador ter sido a primeira capital da nação, foco natural de intercâmbio entre as culturas. Inicialmente, a tradição era sobretudo oral, constituída por desafios ou combates poéticos, e só “por volta de 1750 é que aparecem os primeiros vates da literatura de cordel oral” (Silva, 2005, p.19). A designação “cordel” só se consolidou mais tarde, sendo conhecida como “literatura popular ou poesia popular”. (Silva, 2005, p.19). O autor aborda ainda a questão em torno do termo, citando o posicionamento de Mário Souto Maior e Manoel d’Almeida Filho, que preferiam “literatura popular”. Entretanto, conclui: “De qualquer maneira, o nome chegou de Portugal e pegou”. (Silva, 2005, p.16). No que concerne à sua evolução estética, a consolidação da literatura de cordel no Brasil deu-se de modo progressivo e não isento de desafios, refletindo uma complexa negociação entre a herança cultural popular e as demandas de um suporte impresso.

A tradição oral, que foi a sua primeira expressão, percorreu um caminho complexo até alcançar uma forma estruturada, exigindo dos poetas pioneiros uma verdadeira transposição de linguagem: era necessário capturar a espontaneidade da cantoria e a força performática do repente, convertendo-as em uma narrativa visual e fixa no papel, sem perder a melodia e o ritmo que o caracterizava.

Ademais, a sua natureza dual, feita para ser lida e cantada, impõe uma grande precisão no domínio da métrica, da rima e da oração, elementos que se apresentam como essenciais ao gênero. Esta particular exigência com a forma e com o conteúdo cria uma estética única, na qual a simplicidade aparente das narrativas contém um rigor técnico meticuloso.

O cordel é um gênero de profundas raízes, cuja trajetória, da antiguidade à Península Ibérica e, posteriormente para o Brasil, legitima-o como um valioso objeto de estudo e uma potente ferramenta pedagógica, capaz de estabelecer um diálogo rico e crítico com a realidade dos estudantes.

Com base nas etapas indicadas por Rildo Cosson (2009) e nos conhecimentos históricos trazidos por Silva (2005), elaboramos a oficina, cujas etapas estão sintetizadas no quadro a seguir:

Etapas	Descrição da etapa	Tempo previsto
Motivação	1.Apresentação do vídeo “Vozes-Mulheres”; 2.Problematização da ausência de personalidades negras nos currículos tradicionais;	15 minutos
Introdução	3.Apresentação da autora e da obra; 4. Contextualização da historicidade do cordel;	25 minutos
Leitura	5. Efetivação da leitura individual e coletiva;	30 minutos
Interpretação	6.Produção de textos poéticos e de roteiros para pequenas peças.	02 aulas de 50 minutos cada

3. *Etapas da oficina*

A obra *Heroínas negras Brasileiras em 15 cordéis*, de Jarid Arraes (2017), é uma coletânea de poemas que reúne quinze vozes negras femininas, vítimas do memoricídio. Os textos, em formato de cordel, dedicam-se ao resgate da memória e do protagonismo de mulheres negras que tiveram papel fundamental na história do Brasil, mas foram silenciadas pela historiografia oficial. Com uma linguagem marcada pela força da oralidade, Arraes reconta trajetórias de coragem, transformando essas mulheres em símbolos vivos da luta contra o apagamento histórico. Por meio dessas narrativas, Arraes realiza um trabalho de reconstrução da memória histórica, propondo uma reescrita da História a partir de uma perspectiva decolonial. Assim, a coletânea configura-se como uma obra literária que transcende o campo estético, atuando como instrumento de reconhecimento e valorização da identidade afro-brasileira.

Etapa da motivação

De acordo com Cosson, o propósito desta etapa inicial é despertar o interesse dos alunos para os assuntos que serão explorados ao longo da oficina. Para iniciar o trabalho, foi apresentado um vídeo extraído do *YouTube*, produzido pelo Itaú Cultura, no qual a escritora Conceição Evaristo interpreta o poema “Vozes-Mulheres”, de sua autoria. Após a exibição, foi proposta uma roda de conversa em que os estudantes puderam debater sobre quantas personalidades históricas negras eles conhecem, problematizando a sua ausência nos currículos tradicionais. A intenção foi criar um espaço de escuta e troca, em que os participantes reconhecem a força das vozes negras na arte e na literatura. O grupo demonstrou interesse pelo tema e participou ativamente das atividades e reflexões que compuseram esta etapa da sequência.

Etapa da introdução

Nesta etapa, foi apresentada a autora e o seu projeto literário de resgate histórico. Contextualizou-se o conceito “escrevivência”, de Conceição Evaristo, para discutir a importância da escrita enquanto ferramenta de autoafirmação e resistência para mulheres negras. Além de ser apresentado o gênero cordel, com base nos ensinamentos de Silva (2005), destacando seus elementos formais, como verso, estrofe, rima e ritmo, bem como a sua função narrativa que, em geral, caracteriza esse tipo de literatura popular. Foram trazidos exemplares de poemas do livro *Heroínas Negras Brasileiras em 15 Cordéis* (2017), o que permitiu que os estudantes observassem como a autora organiza a linguagem, delinea as personagens e constrói as histórias, na apresentação das protagonistas retratadas em seus cordéis. Dentre as heroínas, estão: Antonieta de Barros, Aqualtune, Carolina Maria de Jesus, Dandara dos Palmares, Esperança Garcia, Eva Maria do Bonsucesso, Laudelina de Campos Melo, Luísa Mahin, Maria Felipa de Oliveira, Maria Firmina dos Reis, Mariana Crioula, Na Agontimé, Tereza de Benguela, Tia Ciata e Zaccimba Gaba. O objetivo foi situar os alunos no universo da obra, despertando curiosidade sobre as trajetórias dessas mulheres e o papel desempenhado por elas no contexto da história e da cultura afro-brasileira.

Etapa da leitura

Nesta etapa, o foco foi a leitura atenta dos cordéis presentes na obra. O objetivo foi que os alunos reconhecessem a importância das mulheres negras como protagonistas da história e da cultura brasileira, observando como a autora organiza suas narrativas poéticas para dar voz a essas heroínas esquecidas e silenciadas. Os alunos puderam perceber a diversidade de trajetórias, contextos históricos e formas de resistência.

A leitura foi conduzida de forma interativa e coletiva, estimulando os estudantes à observação dos elementos típicos do gênero cordel, como verso, estrofe, rima e ritmo. Os alunos analisaram o uso de linguagem poética e figuras de linguagem; refletiram sobre os temas centrais, como coragem, resistência, ancestralidade e protagonismo negro-feminino.

Nesta etapa, valorizou-se a oralidade, dessa forma, os alunos declamaram ou leram os cordéis. Diante disso, discutiu-se, ao fim desta fase com os alunos, a importância da modalidade da linguagem oral. Foram trazidas para o debate as experiências relatadas por Conceição Evaristo, escritora que, em sua infância, “não cresceu em uma casa rodeada de livros, mas rodeada de palavras de mulheres que contavam histórias”. Com base nessas vivências, Evaristo cria o termo “escrevivência”, como ato de se ver. A autora destaca:

A Escrevivência extrapola os campos de uma escrita que gira em torno de um sujeito individualizado. Creio mesmo que o lugar nascedouro da Escrevivên-

cia já demande outra leitura. Escrivência surge de uma prática literária cuja autoria é negra, feminina e pobre. Em que o agente, o sujeito da ação, assume o seu fazer, o seu pensamento, a sua reflexão, não somente como um exercício isolado, mas atravessado por grupos, por uma coletividade. (Evaristo, 2020, p. 38)

Dentro dessa perspectiva, a literatura de mulheres negras se apresenta como instrumento de resistência, afirmação da identidade e transmissão de experiências, inspirando futuras gerações. Durante a atividade, os alunos foram convidados a compartilhar impressões, comentarem as passagens da obra que mais chamaram sua atenção e a discutirem como cada heroína representada nos cordéis contribui para ressignificar a história e a identidade da mulher negra no Brasil. O objetivo final desta etapa foi que os estudantes compreendessem a força da literatura de Arraes como instrumento de valorização da memória histórica, estabelecendo um diálogo entre a obra e experiências vividas no contexto social em que estão inseridos.

Etapa da interpretação

Finalmente, na etapa de interpretação, os alunos puderam escolher, dentre as duas formas de atividades propostas: a produção de textos poéticos e a elaboração de roteiros para pequenas peças, a que poderia melhor expressar a percepção que tiveram dos textos lidos em conexão com suas vivências. Para a produção dos roteiros, os discentes, com base nos cordéis lidos, definiram temas e criaram uma estrutura dramática simplificada, tendo como personagens principais as heroínas negras. O objetivo desta proposta foi promover a ressignificação das histórias por meio da linguagem teatral, estimulando a expressão artística, bem como o trabalho colaborativo e a reflexão crítica sobre o protagonismo das mulheres negras. Nesse processo didático, os quinze cordéis de Arraes assumiram um papel preponderante.

Já para a produção dos textos poéticos, os alunos foram incentivados a escreverem textos relacionados com suas vivências, reflexões ou impressões de outra natureza, que representassem suas interpretações. Foi em virtude da complexidade que rege a própria feitura do cordel que se optou pela proposta de elaboração livre de textos poéticos.

Além disso, uma oficina de isogravura foi desenvolvida. A isogravura é uma adaptação da técnica da xilogravura, que consiste na confecção de um carimbo por meio de incisões em um material de isopor. Dessa forma, os alunos criaram seus próprios carimbos, com os quais ilustraram a capa de seus “folhetos”, em cujas páginas registraram suas produções poéticas. Abaixo seguem imagens relativas a essa etapa da Sequência Básica:

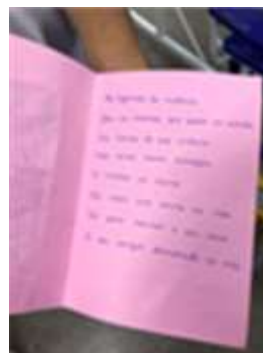
Figura 1: Produção de Figura isogravura.



2: Capa de folheto.



Figura 3: Poema autoral de aluno.



Fonte: Acervo próprio (2023). Fonte: Acervo próprio (2023). Fonte: Acervo próprio, 2023.

4. Considerações finais

A oficina possibilitou que os alunos refletissem criticamente sobre como a historiografia oficial e o cânone literário instituído silenciaram vozes de mulheres negras na literatura. O gênero cordel, reconhecido como guardião da memória, traz, muitas vezes, à tona, histórias que foram omitidas, favorecendo a construção de um pensamento crítico e o contato com diferentes perspectivas culturais. Por meio da interpretação dos textos, a oficina configurou-se como experiência pedagógica significativa, alinhada às noções de letramento literário e de letramento crítico, ao enaltecer a trajetória das heroínas negras brasileiras representadas nos cordéis.

Além disso, a atividade promoveu um ambiente de escuta ativa, debate sobre questões raciais e socialização de saberes, valorizando a participação e as vozes dos estudantes. Foi possível, com a sua aplicação, reafirmar o fato de que o cordel constitui uma ferramenta pedagógica de grande potência para o letramento literário, conforme preconizado por Rildo Cosson (2009). Conclui-se que a aplicação das etapas de motivação, de introdução, de leitura e de interpretação permitiram uma aproximação sistematizada do gênero, a partir da qual os alunos puderam analisar os mecanismos de construção dos textos, desenvolvendo, assim, a competência leitora e a sensibilidade estética, além do senso crítico, ao examinarem os conteúdos temáticos dos poemas.

Em síntese, o projeto didático, aqui apresentado, confirmou a importância da literatura de cordel como fonte agenciadora de propostas didáticas capazes de incentivar a produção literária dos alunos e, destacadamente,

contribuiu para enaltecer a trajetória de mulheres negras brasileiras historicamente invisibilizadas.

Por outro lado, o trabalho possibilitou ao aluno exercitar a leitura, a dicção (por meio da declamação), a criatividade e a criticidade. Dessa forma, a atividade contribui para a realização de um letramento literário e crítico, ao abordar temas sociais, políticos e históricos de forma acessível. As discussões alcançaram os objetivos almejados, possibilitando aos leitores tecer reflexões sobre contextos culturais e sociais e, sendo assim, aprofundaram o olhar crítico dos discentes sobre a realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRAES, Jarid. *Heroínas negras brasileiras em 15 cordéis*. São Paulo: Pólen, 2017.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2009. Disponível em: https://www.google.com.br/books/edition/Letramento_liter%C3%A1rio/7MhnAwAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1&pg=PT3&printsec=frontcover. Acesso em: 8 set. 2025.

EVARISTO, Conceição. A escrevivência e seus subtextos. In: DUARTE, C. L.; NUNES, I.R. (Orgs). *Escrevivência: a escrita de nós: Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020. p. 26-46

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 23. ed. São Paulo: Cortez, 1988.

QUEIROZ, Doralice Alves de. *Mulheres cordelistas: percepções do universo feminino na literatura de cordel*. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Faculdade de Letras da UFMG, Belo Horizonte, 2006.

SILVA, Gonçalo Ferreira da. *Vertentes e evolução da literatura de cordel*. 3. ed. Rio de Janeiro: Stenio, 2005.